

Seguindo o curso do grande rio que morre

Durante 44 dias, dois paulistas e uma carioca percorreram, de Jeep, 9.892 quilômetros ao longo do Rio São Francisco, visitando povoados esquecidos e sertanejos tão desesperançados como o 'Velho Chico'

Rostos envelhecidos pelo sol e corpos subnutridos. Redes sem peixes e latas sem água. A vida é sofrida às margens do Rio São Francisco - chamado carinhosamente pelas populações ribeirinhas de Velho Chico - e a pobreza aumenta na mesma proporção que a destruição do rio. Entre sorrisos sem dentes e algumas lágrimas, os sertanejos contam suas histórias e lamentam suas dores.

Durante 44 dias, dois paulistas e uma carioca percorreram 9.892 quilômetros visitando cidadezinhas e povoados que ficam a até cem quilômetros do rio e retrataram o drama e a cultura dos moradores. A expedição, chamada *Ao Velho Chico*, foi feita em um Jeep pelo piloto e fotógrafo Jurandir Rosa Lima, 34 anos, pelo cinegrafista Michelangelo Romano, 29, e pela médica Tatiana Fukui da Silveira, 38, e também levou ajuda aos sertanejos.

"O que nos surpreendeu foi a quantidade de pessoas que dependem do rio para viver e a situação de miséria em que se encontram", conta Jurandir, que partiu com os colegas de São Paulo e foi até Pernambuco. "Apesar do sofrimento, o povo é hospitaleiro e carinhoso, mas a vida que levam nos mostra um País esquecido, pobre e atrasado".

Sem nome

Raimunda é um destes exemplos de brasileira abandonada. Aos 30 anos, analfabeta e com cinco filhos, ela vive no único cômodo de uma casa de pau-a-pique, usada para moer farinha, a 40 km de Caracol, no Piauí.

"Seu vizinho mais próximo fica a sete quilômetros e, quando chegamos lá, toda a família estava doente", diz Tatiana. "O mais impressionante é que, com toda adversidade, ela ainda tinha força para expressar felicidade".

O marido de Raimunda, que foi tentar a sorte em Brasília, aparece de vez em quando e as crianças vivem do que a mãe consegue plantar. "Seu filho mais novo está com seis meses e ainda não tem nome. Ela o chama apenas de 'neném' e, quando perguntamos o motivo, ela respondeu que o bebê ainda não tinha cara de homenzinho para lhe dar um nome".

Fim do mundo

A situação de miséria repete-se por toda a margem do São Francisco, mas agrava-se ainda mais onde a seca castigou, como no povoado de Floresta, em Pernambuco.

"Lá, encontramos um casal transportando água em grandes latas, nas mãos e na cabeça. Eles não contaram que têm cinco filhos e vivem longe do rio", diz Michelangelo. "Todos os dias, andam 12 quilômetros para buscar a água. É um cotidiano extremamente repetitivo e triste, mas eles se acostumaram".

A convivência com a falta de água é tão normal que algumas crianças nem conhecem a chuva. Jurandir conta que em uma cidadezinha chamada Salgado do Melão, na Bahia, não choveu durante sete anos. "Os meninos cresceram sem nunca ter visto chuva até que, um dia, ela chegou. Assustados, todos correram para suas casas pensando que fosse o fim do mundo".

A região mais árida do Nordeste, no entanto, fica em Raso da Catarina, na Bahia. Nesta área não existe nenhuma água, mas uma tribo de índios ainda consegue sobreviver.

"São 30 índios cafuzos que, por causa da miscigenação, têm a pele negra. Eles passam a vida toda sem tomar banho nem lavar a roupa", diz Michelangelo. Para beber e cozinhar, usam a água dos cactos. "Eles esmagam o facheiro e o mandacaru para retirar a água e não conhecem nenhum outro tipo dela, já que não há chuva na tribo".

Vida no rio

Os sertanejos que moram na beira do São Francisco poderiam se sentir privilegiados, já que água não falta, mas de um tempo para cá o que tem desapa-

recido é o peixe. "Passei a minha vida tirando comida deste rio, só que agora os peixes sumiram", disse Dequinha - um homem de 55 anos que pesca há 37 - a Jurandir. "Não sei o que será de nós".

Assim como ele, todos os pescadores de Caririnha, na Bahia, estão desesperados. "A cidade vivia da pesca, mas os moradores contaram que há três meses desistiram de ir para o rio porque estavam cansados de voltar de mãos vazias", diz Jurandir.

Seu Dequinha levou o grupo para dar uma volta de barco e, ao avistar uma coroa (banco de areia causado pelo assoreamento), afirmou emocionado que o São Francisco está morrendo. "Criei meus filhos com a pesca graças ao Velho Chico".

Como Dequinha, todos os sertanejos idolatram o rio. "Apesar das dificuldades, ninguém quer sair de sua cidade. Eles se entristecem apenas quando percebem que o rio está morrendo por causa da exploração do homem, mas confiam na força do Velho Chico".

Últimos carranqueiros

Seu Mauro é um destes esperançosos. É um sobrevivente. Mesmo com o fim da tradição das carrancas - esculturas feitas de madeira com características leoninas, que eram colocadas na proa das embarcações -, ele continua a ser um carranqueiro.

"Hoje, as carrancas se tornaram apenas objeto de decoração, mas Mauro segue fazendo seu artesanato com a mesma dedicação", conta Michelangelo. Segundo a tradição, as peças eram usadas para afugentar os maus espíritos e proteger as mulheres dos ataques do caboclo d'água - uma figura mitológica. "Agora, só vemos caminhoneiros carregando as carrancas".

O artesanato, que mora em Flamengo, na Bahia, explicou que para fazer a carranca é preciso usar uma madeira chamada umburama, ainda verde. "O trabalho é grande, mas quem ganha o dinheiro é o vendedor. Eu entrego a peça por R\$ 2,00 e eles vendem por pelo menos R\$ 20,00".

Na cidade de Petrolina, em Pernambuco, também vive uma das últimas carranqueiras. Dona Ana das Carrancas, de 77 anos, ainda produz as peças, mas usa barro como matéria-prima. Ao contar sua história, ela chora.

"Dona Ana começou a trabalhar aos sete anos, casou-se com um homem cego que retirou das ruas pedindo esmolas e ensinou sua arte às filhas. Seu marido é responsável por amassar e preparar o barro com os próprios pés e mãos", lembra Jurandir. Em homenagem a ele, todas as carrancas feitas por ela possuem os olhos furados, como representação da cegueira.

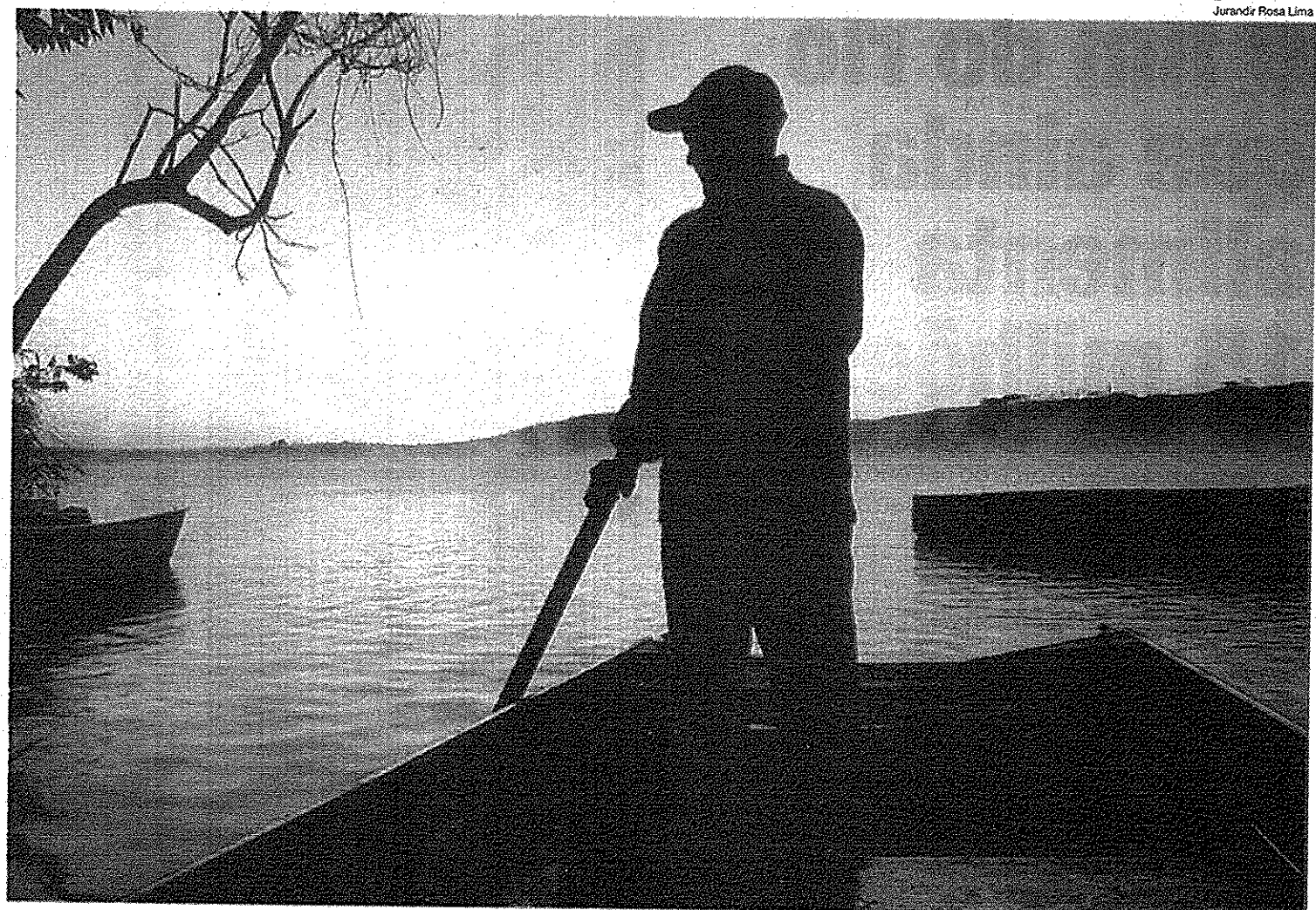
Fotos e santos

Com tanto sofrimento e pobreza, a população ribeirinha do São Francisco apegava-se à fé para alentar a vida e seguir sorrindo. "Em todo povoado existe pelo menos uma igreja. Eles são muito católicos", diz Tatiana. "Nas casas, também notamos muitas imagens católicas, da Virgem Maria, de Jesus ou do padre Cícero, que eles veneram".

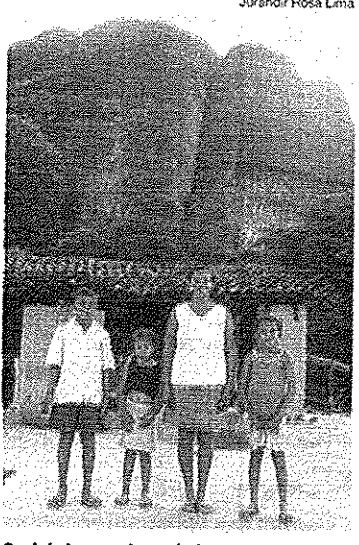
A fazenda de seu Sérgio, que fica no Vale do Peruaçu, em Minas Gerais, é uma destas. "Além das imagens cristãs, encontramos uma foto bem antiga de seus pais em um local de destaque na sala. Isto faz parte da tradição sertaneja. Em todas as casas há a foto já desbotada do patriarca e da matriarca da família".

O grupo conheceu seu Sérgio por acaso, ao pedir informações na estrada. O fazendeiro, que tem 82 anos, dez filhos e planta mandioca e milho, convidou-os para passar a noite em sua casa, conta Jurandir. "Ele é o retrato do carinhoso sertanejo e, como em todos os lugares por onde passamos, nos convidou para 'acabar de chegar', que é o maravilhoso 'vamos entrar' deles".

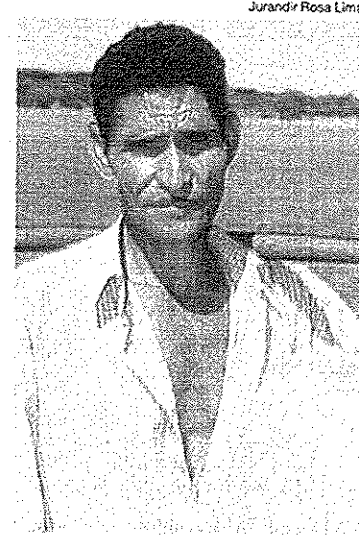
Daniela Tófoli



A miséria aumenta nas margens, enquanto o Velho Chico vai se acabando. Os sertanejos, abandonados, lamentam o fim do rio



O vizinho mais próximo de dona Raimunda vive a sete quilômetros. Sozinha, ela ainda não escolheu o nome do filho de seis meses



Dequinha criou seus filhos graças aos peixes do São Francisco. Agora, teme pelo futuro dos pescadores



Seu Sérgio é a imagem do típico sertanejo. Com seu jeito simples e hospitaleiro, convida os viajantes para 'acabar de chegar'



Longe do rio, um casal de Floresta, em Pernambuco, anda 12 quilômetros todos os dias para conseguir água

Famílias desnutridas, por falta de informação

Toda casa tem uma cabra, mas o leite do animal não é dado para crianças maiores de dois anos. Assim, a ignorância aumenta a fome

Em todo casebre das cidades que ficam à beira do Rio São Francisco existe pelo menos uma cabra. Com um sino pendurado no pescoço, elas dão o leite rico em vitaminas que poderia alimentar toda a família. Mas isto não acontece. Sem informação e com vários vícios alimentares, os adultos só dão o leite de cabra para as crianças até que elas completem dois anos.

"Mesmo tendo um alimento riquíssimo no quintal, as famílias são desnutridas por falta de conhecimento. Elas não sabem que podem continuar tomando o leite sem nenhuma contra-indicação", afirma a médica Tatiana da Silveira, uma das integrantes da expedição *Ao Velho Chico*.

A alimentação também é pobre, basicamente à base de amido. "Eles não passam fome porque comem muita farinha, feijão tropeiro e mandioca. Mas estes alimentos só enchem a barriga, não suprem todas as necessidades de nutrientes de uma pessoa. Eles não comem frutas nem cereais, por exemplo".

Sem orientação, até os adul-

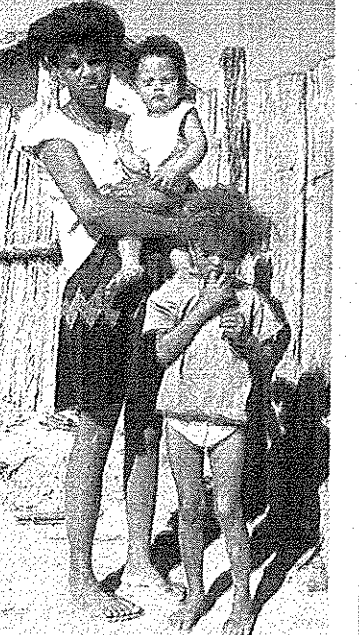
tos sofrem de subnutrição. "E o índice de mortalidade é extremamente alto, já que eles não sabem o que fazer". Nestas cidadezinhas, os bebês nascem em casa e a figura da parteira ainda é comum. "Eles têm muitos filhos. As mulheres até já ouviram falar em métodos anticoncepcionais, mas não têm acesso a eles".

Além de muitos filhos, é comum os homens terem mais de uma mulher. Antonio Mazzaropi, de 52 anos, é um deles. Ele vive na cidade de São Francisco, em Minas Gerais, e tem nove mulheres e 23 filhos. "Perguntamos se sabia dizer o nome de todos, mas ele só conseguiu chegar até o 17.º. E disse que, neste ano, ainda dá tempo de fazer mais dois filhos com suas mulheres".

Sem banheiro

Para Tatiana, a Saúde está comprometida principalmente no Nordeste. "A situação é pior do que a da Educação. Apesar da grande quantidade de analfabetos, sempre há uma escolinha, mas postos de saúde são raros. Médico especializado, como ginecologista, então, não existe".

O saneamento básico também não chega. Cerca de 80% das casas do percurso - a maioria de pau-a-pique - não têm banheiro, mas a grande maioria tem televisão. "Passamos por um local chamado Salgado do Melão, na Bahia, que é um povoa-



A desnutrição, como a desta família que mora em Silga, Minas Gerais, é comum entre a população sertaneja



O facheiro é um cacto que guarda água. Ele é encontrado em Raso da Catarina, a região mais árida do Nordeste



Pobreza: cerca de 80% das casas ribeirinhas não têm banheiro

do minúsculo. Só tem um posto telefônico na cidade, que fecha às 22h, e as casas são muito precárias. Mas a quantidade de antenas parabólicas é enorme e cocacola também não falta".

Além da televisão, a diversão dos sertanejos está no futebol e no forró. "O engraçado é que eles não torcem para os times estaduais, mas para o Flamengo, para o Vasco, para o São Paulo". A música também já foi modificada. "Eles cantam o forró eletrônico e, quando têm, ligam o aparelho de som tão alto que podemos ouvir um quarteirão antes".

As crianças não possuem brinquedos e os jogos favoritos são bolinha de gude e amarelinha. "Já os jovens vivem em uma ociosidade muito grande. Eles não têm opções de lazer e acabam se casando cedo demais".

(D.T.)



Em Raso da Catarina, na Bahia, uma tribo de índios cafuzos vive sem água. Para matar a sede, eles cortam cactos



O trajeto da expedição

O fim do rio que ainda alimenta 15 milhões

O São Francisco está fraco. Suas águas já não conseguem vencer a força do oceano onde deságua, seus peixes morrem presos nas barragens e suas margens começam a virar deserto

O Rio São Francisco está morrendo. E, sem poder fazer nada, os 15 milhões de sertanejos que dependem dele assistem a tudo com tristeza. Com cinco barragens construídas nos seus 2.700 km de extensão, os peixes estão desaparecendo e a água vai perdendo sua força.

“Com a construção das barragens, a água ficou represada e a piracema (migração dos peixes para reprodução) não pode mais ocorrer. Assim, não há procriação dos peixes nas cabeceiras do rio”, explica Jurandir Lima, o piloto da expedição *Ao Velho Chico*. “Para piorar, os peixes morrem nas barragens e atraem aves, como garças, que deles se alimentam”.

O problema é que essas aves também comem insetos e, como não são do ecossistema, causam um desequilíbrio ecológico. “Sem insetos, a polinização se torna impossível e não há como repor a mata ciliar, que já é desmatada pelos plantadores e está em extinção”.

Além das barragens, o assoreamento do rio ajuda a matar os peixes. “Muitas famílias de pescadores pararam de pescar e começaram a retirar a areia do rio para vender. Cada metro de areia custa R\$ 4,00”, conta Michelangelo Romano, o cinegrafista da expedição. “Algumas embarcações também não conseguem mais navegar em alguns trechos do São Francisco e a economia está afetada”.

Sem futuro
Os pescadores ribeirinhos são os que mais sofrem, como seu Norberto. Morador de Três Marias, em Minas Gerais, ele vive da pesca há 41 anos e não sabe como vai sobreviver. “Criei meus quatro filhos também pescadores, mas não tem mais peixe. Acho que o rio não vai ter futuro e não sei o que faremos”, lamentou-se para Jurandir.

Na cidade da Barra, na Bahia, o grupo encontrou o pescador João das Neves, de 43 anos, tomando seu caldo de peixe e lembrando o tempo em que o Velho Chico tinha fartura de água, de peixe e de trabalho.

“Ele nos disse que, quando chegou ao município, pescava até 200 quilos de surubim, mas hoje só consegue 30 quilos”, conta Michelangelo. “Esta foi

mais uma das lamentações que ouvimos deste povo humilde e sofrido que tira do rio seu próprio sustento, seja pescando ou usando suas águas para irrigar as plantações”.

Engolido pelo mar

Outro problema que o bravo São Francisco está enfrentando é a força do Oceano Atlântico. “O mar já avançou 18 quilômetros na foz do rio porque, com a construção das barragens, ele perdeu sua força e não consegue mais desaguar no oceano”, explica Jurandir.

A invasão das águas marítimas está salinizando o rio, e suas margens já começam a ser desertificadas. “Encontramos dunas nas margens do São Francisco, há até vilas que foram encobertas pela areia”. Jurandir conta que, em 1995, havia um farol na margem do rio que ficava a três quilômetros do mar. “Depois que a hidrelétrica de Xingó foi construída, ele foi parar dentro do oceano”.

A Bacia do São Francisco ocupa uma área de 640 mil km², abrangendo o Distrito Federal e mais seis Estados (Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe, Alagoas e Goiás), e é do tamanho da Itália, da Holanda, da Hungria, da Grã-Bretanha e da Suíça juntas. Em seus 463 municípios habitam 15 milhões de pessoas, sendo que 46% de sua área é apropriada para a irrigação artificial. A vazão média anual do rio é de 2.980 m³/s.

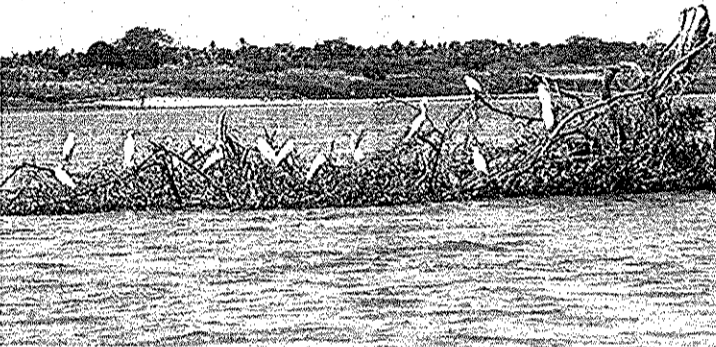
Apesar de 58% da Bacia estar no semi-árido brasileiro, ela possui 139 espécies identificadas de peixes, sendo surubim, dourado, piaú, cascudo, curimatã e traíra as mais comuns. No vale do São Francisco estão 100% da reserva nacional de zinco, 97% da reserva de chumbo, 60% da de cromo e 20% da de ferro.

O Rio São Francisco recebeu este nome porque foi descoberto por Américo Vespúcio em 1501 no dia do aniversário do santo: 4 de outubro. Até então, o rio era chamado pelos índios que habitavam suas margens de ‘Opará’, que significa rio-mar. “O Velho Chico é um rio especial: é o único do mundo que nasce no Sul e caminha para o Norte e tem uma força indescritível”.

Daniela Tófoli



Pescadores de areia: depois que os peixes sumiram, famílias começaram a retirar areia do São Francisco para vender



Desequilíbrio: as garças devoraram os insetos que polinizam as matas



Campanhas: a expedição, de Jeep, levou ajuda aos sertanejos

Polígono da Maconha já chega a MG

O Polígono da Maconha não se restringe mais a Pernambuco. Ele se expandiu e as plantações da erva já estão até em Minas Gerais. “Os pés podem ser vistos desde o Vale do Peruaçu, que fica no norte de Minas, perto da divisa com a Bahia”, afirma Jurandir Rosa Lima, o piloto da expedição *Ao Velho Chico*. “É a plantação continua, acompanhando o Rio São Francisco”.

O cultivo da maconha em Pernambuco, conta, é feito há muito tempo. “Na cidade de Cabrobó, por exemplo, planta-se desde os anos 80, mas o polígono cresceu e os pés vêm vindo em direção ao Sul”. O motivo da expansão é simples: enquanto um quilo de cebola é vendido a R\$ 0,10, com um de maconha ganha-se cem vezes mais. “As terras próximas ao rio são propícias para o crescimento da erva e ela é muito mais rentável do que qualquer hortifrutí”.

Em Pernambuco, onde a situação é mais grave, a Polícia Federal vem fazendo apreensões e queimando plantações, diz Jurandir. “O problema é que eles ficam atrás dos roceiros, dos plantadores, e não pegam os donos da terra”. Com medo de serem presos, muitos bóia-frias estão largando o trabalho e fugindo para as estradas. “Nas rodovias, a única opção que tem é

assaltar. Eles roubam quase todo mundo que passa, mas principalmente caminhoneiros e ônibus”.

Por causa disto, as estradas pernambucanas do Sul, inclusive as federais, estão dominadas pela violência. “A própria polícia pede para que ninguém viaje depois das 20h e as rodovias ficam desertas”. Mesmo durante o dia, o perigo é grande. “É uma sensação estranha. Por todo o percurso, policiais armados com fuzis, coletes à prova de balas e cartucheiras fazem ronda. Em 180 quilômetros, entre Petrolina e Cabrobó, há três barreiras policiais”.

Em uma delas, os integrantes da expedição foram abordados pela polícia: “Ao sair de Petrolina, paramos na estrada para fotografar um conjunto de xique-xiques (cactos) e quase fomos metralhados por policiais que nos confundiram com bandidos. Eles nos abordaram com uma pistola 38 já engatilhada. Quando souberam que estávamos numa expedição, desculpam-se”.

Além da criminalidade, o grupo enfrentou outro perigo: o total abandono das estradas. “Na BR-316, que liga Petrolândia a Floresta, em Pernambuco, a estrada era tão ruim que não conseguíamos ultrapassar os 15 km/h - e, em estrada de terra nossa velocidade máxima foi de 141 km/h. Na BR, primeiro acabava o asfalto, depois só sobrava uma pista para os dois sentidos e, de repente, não tinha nem mais rodovia”.

(D.T.)

Jurandir Rosa Lima



Seu Mauro, um dos últimos carraqueiros

Uma briga, por caixas de papelão

O objetivo de Jurandir Rosa Lima, de Michelangelo Romano e de Tatiana Fukui da Silveira era retratar como vive a população ribeirinha e mostrar a relação do sertanejo com o Rio São Francisco. Mas a expedição *Ao Velho Chico* fez muito mais. Levou roupas, kits de higiene bucal e informações médicas. “A viagem foi inédita não pelo roteiro, mas pelas campanhas sociais”, diz Jurandir.

O grupo saiu da Serra da Canastra, onde o rio nasce, em 22 de junho, e chegou à foz, no Oceano Atlântico, no dia 4 de agosto. “Paramos em incontáveis cidades, que ficam a até cem quilômetros do São Francisco, porque as mais ricas ficam nas margens e queríamos chegar às mais necessitadas”.

Em Itaguaçu da Bahia, as mulheres viram uma das muitas faces da pobreza. “Depois de distribuímos as 4.500 peças de roupas, notamos que havia um tumulto entre as mulheres. Elas brigavam pelas

caixas de papelão que foram com as roupas”, lembra Tatiana. “Elas explicaram que, como não têm móveis, as caixas seriam usadas como guarda-roupas ou como guarda-alimentos”.

As roupas foram arrecadadas pela escola de idiomas Cel Lep e pela Kolynos, que também doou os kits de higiene bucal. “A Tatiana fez palestras de saúde nas cidades e tirou dúvidas, principalmente das mulheres. Há muita carência de orientação”, diz Michelangelo.

Em Caracol, no Piauí, onde ocorreu uma das campanhas de cuidados dentais, o grupo descobriu que a única casa da cidade que tem água é a do prefeito. “Não havia nem no hotel onde ficamos. É inacreditável”, diz Jurandir.

Durante a expedição - patrocinada pela Kodak, Speed Stick, Sorriso Herbal e Jeep -, o grupo dormia onde era possível: em hotéis, casas de pescadores ou nas barracas que levaram. “Também provamos a culinária local, como carne de bode e arrumadinho. Vivemos a realidade do sertanejo”. Toda a expedição está contada no site www.aovelhochico.com.br.

(D.T.)



Michelangelo, Jurandir e Tatiana acampados na Serra das Confusões, Piauí. Nem sempre era possível achar hospedagem

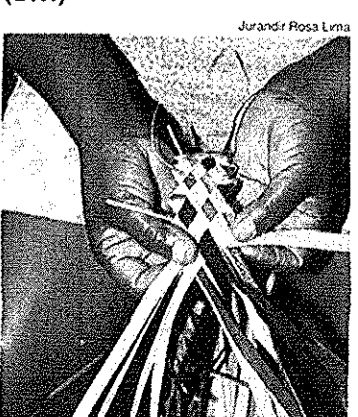
Sem peixes, mulheres sustentam as famílias

Em Entremontes e em Marituba do Peixe (AL), o artesanato feminino se tornou a única forma de sobrevivência. Lá, as mulheres dão as ordens

poucas pessoas passam por lá”. Em Marituba do Peixe, também em Alagoas, a situação se repete. Mas lá o artesanato é a cestaria. “As mulheres usam folhas de coco e a palmeira do urucuri para confeccionar bolsas e esteiras de palha. Tudo é feito manualmente, até o tingimento”. Cada bolsa leva dois dias para ficar pronta e é vendida a R\$ 1,00.

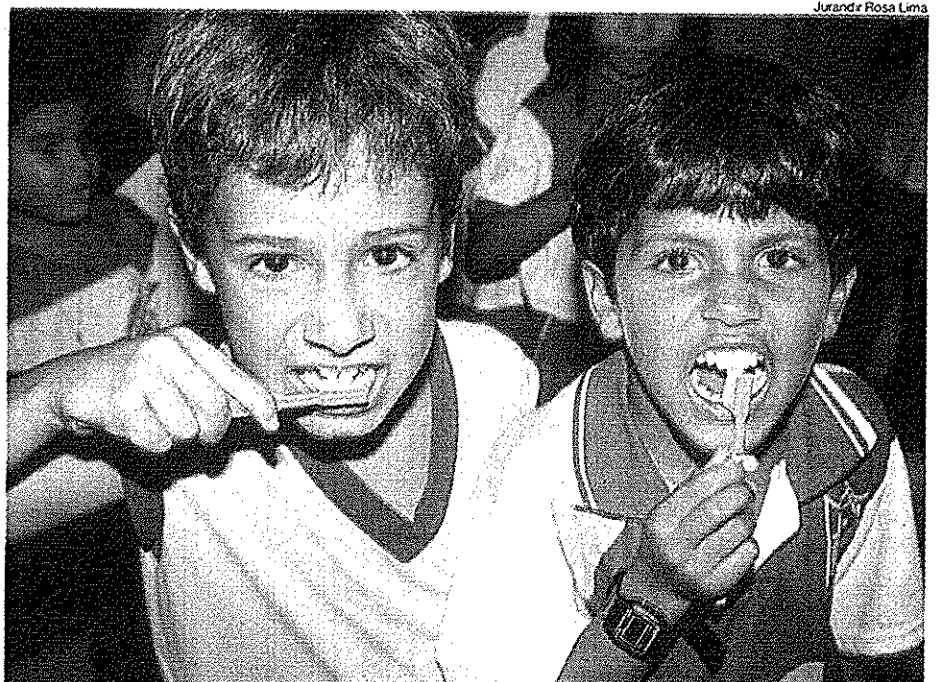
Como não há mais espécies na região para pescar, os homens iniciaram o cultivo de peixes como piaú, xira e tambaqui, em tanques. “Mas a pobreza é tão grande que eles não conseguem esperar os dez meses necessários para o crescimento dos peixes, que são comidos com apenas seis meses”.

(D.T.)



Em Marituba do Peixe, mulheres passam dias fazendo cestos e esteiras de palha manualmente. Cada peça custa apenas um real

Depois da distribuição de roupas, mulheres disputam as caixas de papelão para usar como armários



Sorriso: muitos sertanejos não sabem cuidar dos dentes, mas as crianças aprenderam